

NOTAS E INFORMAÇÕES

Emprego melhora em cenário ruim



É expressiva a redução da taxa de desemprego, mas o quadro social ainda é de aumento da pobreza e da fome

São animadores os dados do mercado de trabalho apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de desocupação no trimestre móvel de mar-

ço a maio, de 9,8%, é a menor para o período desde 2015 e ficou 4,9 pontos percentuais abaixo da registrada um ano antes. É uma melhora notável. O quadro, porém, está longe de mostrar um país socialmente saudável. Ainda há 10,6 milhões de brasileiros sem ocupação e 25,4 milhões de subocupados. A renda real média continua a encolher. Pior: a população em situação de pobreza cresce e a fome atinge cada vez mais brasileiros. A lentidão da recuperação da economia e as expectativas para os próximos meses indicam a persistência de um cenário econômico e social nebuloso.

Um dado destacado da Pnad Contínua é o do contingente de pessoas ocupadas, que alcançou 97,5 milhões, 9,4 milhões a mais do que um ano antes e recorde da série da pesquisa, iniciada em 2012. Também cresceu de maneira expressiva o número de empregados com carteira assinada no setor privado, que alcançou 35,6 milhões de trabalhadores, 3,8 milhões a mais do que um ano antes.

Ainda assim, persiste o alto índice de informalidade no mercado de trabalho. São 39,1 milhões de trabalhadores informais, 40,1% da população ocupada, índice superior ao de um ano antes. O rendimento real habitual, de R\$ 2.613, é 7,2% menor do que o de 2021.

Estímulos como o Auxílio Brasil e a liberação de saques extraordinários do FGTS, entre outros, tiveram papel importante no aumento do consumo e, como desdobramento natural, na geração de empre-

gos. A retomada de atividades presenciais em segmentos como serviços igualmente impulsionou a economia. Mas a inflação alta vem exigindo medidas severas de política monetária, cujos efeitos, normalmente defasados, poderão se intensificar nos próximos meses.

Ainda que expressiva, a recuperação do mercado de trabalho é insuficiente para reverter a deterioração do quadro social. Em 2021, o contingente de pobres, de 62,9 milhões de pessoas com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais, foi o maior da série do mapa da pobreza elaborada pela FGV Social. O número corresponde a praticamente 30% da população total. Em dois anos, o aumento foi de 9,6 milhões de pessoas.

Mais impressionante talvez seja a evolução da fome. Em um ano, 14 milhões de brasileiros foram incorporados à população que não tem o que comer. Agora são 33,1 milhões de brasileiros nessa situação, de acordo com pesquisa sobre insegurança alimentar divulgada há algumas semanas pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

Reverter o grave quadro social do País exige compreensão da dimensão do drama que aflije milhões de brasileiros, compromisso com os mais necessitados, seriedade na proposição de ações públicas, responsabilidade administrativa do governo. De nada disso o País dispôs pelo menos até 31 de dezembro, quando termina o mandato do atual presidente. ●

Trabalho Abaixo dos dois dígitos

Desemprego cai para 9,8%, o menor nível para maio desde 2015

É a primeira vez que a taxa fica abaixo de 10% desde o trimestre encerrado em janeiro de 2016, aponta IBGE na Pnad Contínua

DANIELA AMORIM
RIO

O desemprego no Brasil caiu de 10,5%, no trimestre terminado em abril, para 9,8% no encerrado em maio, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado ficou abaixo do piso (9,9%) da pesquisa *Estadão/Broadcast*, que teve mediana de 10,2% e teto de 10,6%.

É a primeira vez que a taxa fica abaixo de 10% desde o trimestre encerrado em janeiro de 2016, quando ficou em 9,6%. O resultado também foi o menor para o trimestre encerrado em maio desde 2015, quando estava em 8,3%.

Em igual período de 2021, a taxa de desemprego medida pela Pnad Contínua ficou em 14,7%. No trimestre encerrado em abril de 2022, a taxa de desocupação estava em 10,5%.

O País ainda tem 10,631 milhões de desempregados. Se considerada toda a mão de obra



subutilizada, que inclui quem trabalha menos horas do que gostaria e quem não procura emprego por acreditar que não encontrará uma oportunidade, falta trabalho a 25,4 milhões de brasileiros. “Esse é um processo de recuperação que segue em curso”, disse Adriana Berin-guy, coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE.

Para o economista Bruno Imaizumi, da LCA Consultores, a queda tem influência da resiliência da economia no primeiro semestre deste ano, mas também reflete o não retorno ao mercado de trabalho, após o surgimento da covid-19, de uma parcela da população, formada principalmente por mu-

lheres e idosos.

“Quando comparamos maio com fevereiro de 2020, temos ainda 2,8 milhões de pessoas a mais fora da força de trabalho. São pessoas que não conseguiram retornar ao mercado”, afirmou. “As mulheres sofreram mais com a pandemia, quando tivemos um desmantelamento grande na rede de apoio e assistência em relação ao cuidado das crianças. No caso dos idosos, está muito relacionado a aposentadorias precoces, o medo de pegar covid e sequelas de longo prazo pós-infecção”, disse o analista. ● COLABOROU MARIANNA GUALTER

O impacto da queda do desemprego na campanha de Bolsonaro

ANÁLISE

ALEXANDRE CALAIS

Há mais de seis anos não se via uma notícia dessas: a taxa de desemprego ficou abaixo dos dois dígitos. A última vez havia sido em janeiro de 2016, quando estava em 9,6%. Depois disso, em meio a recessão, impeachment, crises internas e externas, pandemia, notícias ruins para todos os lados, o número só cresceu. Chegou a espantosos 14,9% no primeiro trimestre do ano passado. A partir daí, engatou uma sequência de quedas, até chegar aos 9,8% em maio. Uma boa notícia em meio a tantas ruínas na economia, como a inflação persistentemente acima dos dois dígitos (hoje, na casa dos 12%) e a taxa de juros que não para de subir.

Claro, o número frio mostra apenas um pedaço da história. Boa parte desses empregos vem do setor informal, que bateu recorde em maio, com 39,13 milhões de pessoas. Até por conta disso, a renda média caiu 7,2% em relação a maio do ano passado. E a população desempregada, embora tenha caído 11,5% em relação ao ano anterior, ainda é de 10,6 milhões de pessoas.

Os números do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), que mostram apenas os dados de contratações e demissões formais — ou seja, com carteira assinada —, já vêm há tempos apontando para

uma melhora no emprego, a despeito das dificuldades da economia. De janeiro a maio, foram mais de 1 milhão de empregos formais criados, e a previsão do ministro do Trabalho e Previdência, José Carlos Oliveira, é de o País chegar ao fim do ano com 1,5 milhão de novas vagas.

São números a serem explorados pelo presidente Jair Bolsonaro na campanha à reeleição. Mas será que têm o poder de angariar votos? Difícil. O problema é que, apesar da melhora nos indicadores, a sensação geral não tem sido positiva, especialmente porque a inflação muito alta por tempo tão prolongado corroeu o poder de compra de quem já estava empregado. A impressão é de empobrecimento.

Recentemente, Ben Bernanke, ex-presidente do Fed (o Banco Central americano), falou sobre essa questão, referindo-se aos EUA. “A diferença entre a inflação e o desemprego é que a inflação afeta exatamente todo mundo”, disse ao *New York Times*. “O desemprego afeta muito a alguns, mas a maioria das pessoas não reage muito ao desemprego porque não está desempregada. A inflação tem um tipo de amplo impacto social.”

Nesse cenário, a queda do desemprego, mais do que bem-vinda, acaba não sendo tão efetiva do ponto de vista eleitoral. O que importa mesmo para as pessoas é ter mais dinheiro no bolso para poder voltar a consumir o que se acostumou a ter e acabou tendo de abrir mão. ●

EDITOR-COORDENADOR DE ECONOMIA